

O ESPAÇO ENTRE COSTURAS: RELAÇÕES ENTRE EXPERIÊNCIA E ESSÊNCIA NO ROMANCE *O FIEL E A PEDRA*, DE OSMAN LINS

THE SPACE BETWEEN SEWINGS: RELATIONS BETWEEN EXPERIENCE AND ESSENCE IN THE NOVEL *O FIEL E A PEDRA*, BY OSMAN LINS

Risonelha de Sousa Lins¹

Rosangela Vieira Freire²

RESUMO: Este artigo apresenta, na obra *O fiel e a pedra*, de Osman Lins, os fatores externos do espaço como elementos constitutivos do conflito do personagem Bernardo, cuja condição o leva à busca de uma essência interior que se sobreponha à realidade desagregadora por ele vivenciada em toda sua complexidade. O estudo se baseia nos pressupostos do herói problemático de Lukács (2000) e toma como aporte teórico sobre o espaço, Borges Filho (2007), Bachelard (1989) dentre outros, evidenciando as múltiplas faces espaciais em relação ao sujeito ficcional, inserido nas complicadas relações sociais, alicerçadas nas estruturas hierárquicas de poder.

PALAVRAS-CHAVE: espaço; Osman Lins; relações de poder.

ABSTRACT: This paper presents, in Osman Lins' book 'O fiel e a pedra', the external factors of space as constitutive elements of the character Bernardo's conflict, whose condition leads him to the search for an inner essence that overcomes the disintegrating reality he experienced in complexity. The study is based on the assumptions of the problematic hero of Lukács (2000) and takes as a theoretical contribution on space, Borges Filho (2007), Bachelard (1989) among others, showing the multiple spatial faces in relation to the fictional subject, inserted in the complicated social relations, based on the hierarchical structures of power.

KEYWORDS: space; Osman Lins; power relations.

Considerações iniciais

A relação transdisciplinar do espaço atribui o caráter articulatório de sentidos ao contexto da obra literária, logo, essa categoria tem a capacidade não só de descortinar os aspectos sócio-culturais do produto estético, como também fornecer um painel dinâmico das interações entre o homem e o mundo. Neste sentido, observa-se que, no universo da escrita de Osman Lins, o espaço está impregnado de imagens e sentidos capazes de projetar a tessitura da ação narrativa, onde se fixam as relações inter e intrapessoal dos sujeitos em sua trajetória de vida. No romance *O fiel e a pedra*, garimpamos a forte tensão dramática de um homem dividido entre dois inimigos comuns: os

¹ IFPB- Sousa-PB/ Doutoranda - UERN- RN

² Prof. Dra. do IFPB- Sousa-PB.

valores que compõem a sua identidade e os elementos conflituosos que se sobrepõem à sua realidade de mundo. Buscando, portanto, os valores perdidos num meio social cada vez mais corrompido, o herói desta narrativa intenta encontrar-se subjetivamente e resistir à complexidade das relações estabelecidas com o universo social, de modo que possa encontrar o sentido da vida e pautar-se em princípios exclusivos.

Em suas considerações sobre o romance Lukács (2000) assevera que, na sociedade moderna, os heróis coletivos cederam lugar ao herói individual e problemático, pois o mundo degradado de valores já não o abarca nem o satisfaz, funcionando como aprisionamento de sua interioridade. Nesta luta, o sujeito do romance empreende uma ação solitária dentro do todo social e espacial que o envolve.

Porém ser é estar situado dentro de contextos especificáveis de voz, de condições sociais, culturais, políticas, econômicas que determinam a singularidade do sujeito em relação a uma experiência de vida. Neste sentido, pode-se afirmar que, inserido nos espelhos de convivência, o espaço carrega, portanto, a sensibilidade, a experiência e as transformações do ser humano que tenta sobreviver incólume da luta em resguardo da própria dignidade. Atado, por conseguinte, a fatores externos, o sujeito mergulha no “sofrimento metafísico” (LUKÁCS, 2000,p.37) que caracteriza a dimensão de sua interioridade. Assim, o personagem Bernardo tenta costurar a sua retidão de caráter e a postura ética como forma de resistência aos conflitos que se lhe impõem em forma de pressão psicológica e social dentro das malhas espaciais das relações de poder e a condição humana medida, calcada, leva o herói a questionar o próprio equilíbrio frente ao universo de valores degradados. Investigando, portanto, essa experiência narrativa, intentamos analisar, na referida obra, o espaço como elemento constitutivo do conflito do personagem, subjugado e resiliente às pressões do sistema.

2-Bem e mal na *via crucis* do herói

O romance *O fiel e a pedra*, escrito pelo pernambucano Osman Lins, constitui-se, conforme Massaud Moisés (2007) numa obra-base na trajetória do ficcionista, uma vez que “alcança o justo e alto equilíbrio entre as duas tendências, a introspectiva e a experimentalista” (p.376). Ou seja, embora esta ainda remeta a uma estrutura tradicional, aponta um narrador que não mais dá conta da complexidade da alma humana, abrindo espaço para a voz interior que pontilha o abismo intransponível entre o homem e o mundo, este já opaco de valores e de sentido. Deste modo, a trama expõe o dilaceramento da interioridade do sujeito dentro de espaços de opressão.

O narrador dessa história, em terceira pessoa, obedece a uma sequência elementar de acontecimentos, entregando a voz aos personagens. O protagonista Bernardo Vieira Cedro, quando exercia a função de fiscal de impostos do município de Vitória, esquivou-se de pactuar com os desvios de dinheiro praticados pelo prefeito Coutinho e aliados, no que concerne à coleta de impostos das cargas dos caminhões que cruzavam o posto fiscal e, por esta causa, demite-se. Esse ato não é aprovado pela população que passa a considerá-lo orgulhoso e radical, negando-lhe o auxílio necessário para salvar o seu filho José.

Depois da morte do filho, Bernardo é convocado por Miguel Benício para ser barraqueiro no Engenho do Surrão onde também se nega a participar de articulações desonestas, tais como colocar os bens do patrão em seu nome, a fim de que Creusa, a esposa adúltera deste não tivesse acesso ou, depois da morte suspeita do patrão, dar os bois da viúva a Nestor Benício, irmão da vítima.

O barraqueiro responde negativamente às ações de desonestidade e injustiça e este gesto recobre-se de oposição tanto às forças estruturais de poder quanto à reificação humana, entretanto sua voz não faz eco dentro de um universo corrompido. Assim, o espaço das experiências vividas deixa de ser visto como real e positivo, para assumir o caráter de elemento desagregador. Destarte, longe de uma relação favorável com o universo exterior, o protagonista vislumbra-se como impotente e solitário diante da superioridade do mundo e das coisas e é justamente neste embate entre o

exterior e o interior onde se firma o “esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto de estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais” (ADORNO, 2003, p.58). E, sem encontrar respostas para o caos pessoal no mundo, Bernardo ora identifica-se como “um homem acuado [...] que precisava domar, dirigir suas forças” (OSMAN, 2007, p.254), ora percebe que o mundo é “um lugar de castigo, uma vastidão desolada, com um inimigo invisível e ameaçador a espreitá-lo” (Ibidem, p.282). Por conseguinte, naqueles inóspitos lugares, uma certeza dura impregna o seu ser: “estar sozinho em face da maldade” (Ibidem, p.285).

Deste modo, pessoas relações ásperas e deficitárias, ocorridas no seu espaço de relações, o protagonista é impulsionado a medir-se enquanto ser humano, buscando uma totalidade que possa dar sentido às próprias ações.

Os atos que sustentavam o cotidiano dos moradores do Surrão entravam em conflito com os valores do barraqueiro, por conseguinte, os desejos se tornavam irrealizáveis e as suas ações se configuravam como as de um indivíduo problemático, já que intentava “realizar, de algum modo, o âmago de sua interioridade no mundo” (LUKÁCS, 2000, p.142). Assim, ao longo do enredo, verifica-se que essa tensão é transferida para o espaço físico, que vai se estreitando e sufocando o personagem, pois a sensação desagradável que nele impera no início da narrativa, enquanto pondera sobre a força da ganância de Nestor Benício, o novo patrão, confunde-se com o barulho dos seres dentro do estado de carência que o obriga a manter-se no Engenho do Surrão:

Cresciam os rumores da noite, o cachorro soltou um uivo longo. E tudo, os uivos, a cantilena dos bichos miúdos, Nestor Benício, os homens desgarrados na escuridão, a vida naquele ermo, a pobreza que o obrigava a suportar com a mulher essas coisas, tudo pareceu fundir-se - elementos de uma conspiração que o destruiria, que já o ameaçava, que fechava sobre ambos um vago, funesto, imponderável círculo (OSMAN, 2007, p.98)

Os urros dos bichos remetem-lhe às tenebrosas sensações provocadas pelas relações de poder, empurrando-o a visualizar Nestor Benício em sua irracionalidade entre os homens desgarrados na escuridão de sua interioridade, ao mesmo tempo em que a consciência aponta-lhe o cerco de opressão que se

firmava na realidade de barraqueiro. Infere-se, pela visão do círculo, figura geométrica sem início e fim demarcados, a certeza do personagem de que não se apontavam alternativas viáveis para o seu problema, o que o leva a um sentimento de angústia individual ou “aspiração essencial da alma” (LUKÁCS, 2000,p.88).

Diante da cisão entre a interioridade e a ação no mundo corrompido, Bernardo opta pelo projeto de ser que, conforme Sartre (1997), constitui-se na gênese de todas as outras escolhas da vida. Entretanto, ao mesmo tempo em que essa alternativa marca tanto a liberdade quanto a responsabilidade pelas escolhas, também corresponde ao estado de solidão existencial (SARTRE, 1997) e é este sentimento que domina o personagem em toda a sua trajetória. Após ser alvejado com tiros, ele observa:

As últimas horas, ele as vivera como um homem em êxtase, alteradas suas relações com o mundo. Como que perdera a noção do peso e das distâncias, houvera um desajuste, um desentendimento entre si e tudo que o cercava. De começo, o sofrimento espantara-o (OSMAN, 2007, p.275).

No total desajuste entre a interioridade do personagem e o espaço de suas relações, ele é esmagado pela estrutura de poder, representada por Nestor Benício: “sofrera pelo cemitério, pela tocaia na estrada, pela chuçada no bezerro, pela plantação. A um sofrimento sucedera-se outro, que se acrescentava à dor passada e ao mesmo tempo absorvia-a” (OSMAN, 2007, p.355), porquanto tem que fazer as próprias negociações entre o ser e o estar em favor de sua individuação.

Reconhecendo-se, portanto, superior ao espaço que o oprime, Bernardo enfatiza que ele era estranho àquele mecanismo de alienação e equívocos: “Este mundo infeliz estava cheio de gente sem constância, gente que fazia e não lembrava, homens de mau julgar, mas ele não era desses” (OSMAN,2007,p.278). Assim, já que “não era um desses”, Bernardo não poderia agir como eles, cedendo ao jugo opressor e se esvaziando de sua individuação, por isso decide enfrentar Nestor, não liberando os bois, pertencentes à viúva. Esta decisão, condicionada à sua essencialidade, tem um caráter universal e justo, mas ofende Nestor Benício, cuja ambição era

“colher tudo que estivesse ao seu alcance, estender-se. A qualquer preço, contra todo escrúpulo. A altura do homem são os seus poderes” (OSMAN, 2007, p.134).

Poder que se firma na obra pela pedra de moinho que esmaga a cana e dela retira o substrato, mas que, ligada ao “fiel”, funciona como instrumento burilador dos valores mais íntimos. A pedra bruta, símbolo da perfeição e ao mesmo tempo o movimento duplo de ascensão e queda (CHEVALIER e GHEERBRANDT, 2012), liga-se ao jugo de opressão que se impõe ao protagonista. Todavia, embora forçado a dissolver-se como a cana calcada pela pedra, ele se aventura até as últimas consequências a resistir ao esmagamento do ser, já que “cresciam na adversidade os inimigos mais temíveis do homem, aqueles que moravam em sua alma, que no tempo de paz silenciavam e nem pareciam existir” (OSMAN, 2012,p.305).

Nestor Benício, marcado pelas ideologias de classes que definem os dominantes e dominados, impõe-se sobre o empregado, na tentativa de controlá-lo como costumava fazer aos demais. Inicialmente, parte da sua força enquanto proprietário do engenho e dos seres reificados que nele vivem: “o senhor agora é Nestor Benício, mando e desmando, faço e aconteço, e dentro dos meus limites, da minha jurisdição, não tem homem que valha mais do que eu! Dobro qualquer um, entendeu? De ponta a ponta (OSMAN,2007,p.238). Depois, motiva-se a espezinhá-lo pelo ódio à sua resistência: “Você e sua raça de soberbos sem vintém vai desaparecer do mundo. Ou morre ou se entrega as forças, não tem outro caminho de escolher (Ibidem, p.217). No entanto, o despótico senhor de terras não consegue esmaecer o orgulho e a inteireza de caráter do agricultor e barraqueiro, que se deixa levar pela utopia cega da sua índole e, mesmo tendo seu eu esmiuçado pela força dos sujeitos abrutalhados, contrapõe-se ao transbordante mal que o sufoca.

Assim, enquanto Nestor apregoa que “remédio de soberbo, é força”, que “o que é de cima, em cima; o que é do chão, no chão (Ibidem, p 346), ou ainda que “ou morre ou se entrega as forças, não tem outro caminho de escolher” (Ibidem p.217),o fiel tenta erguer-se pela costura dos retalhos de sua experiência, questionando “como terminariam os seus dias, se sucumbiriam a

sua alma e os seus músculos, se haveria de esmagá-lo a vida” (Ibidem, p.265) ou se a sua dimensão humana não lhe exigia atos mais profundos e transcendentais: “Será, perguntou com amargura, que eu só cheguei a homem para escravizar-me? Será que estou me acovardando e me fazendo um escravo de miséria?” (Ibidem, p.133).

E como as lembranças do mundo exterior fazem com que o sujeito mergulhe no universo particular de memórias relacionadas à casa, onde os valores mais íntimos se resguardam (BACHELARD, 1989), Bernardo lembra-se do frágil coelho que a mãe criara e que fora arrastado pela força agressiva dos cães, impondo-se-lhe a morte, quando Nestor e seus capangas, armados, tentam expulsá-lo do Surrão. Percebeu-se sitiado como o animal, por conseguinte: “O medo crescia, apoderava-se de sua alma como a sombra do pátio” (OSMAN, 2007, p.347). Logo o espaço funciona como elemento atuante na construção da subjetividade do personagem que, desafiado dentro das experiências nele vivenciadas, é forçado a buscar sua essência e resistir. Inserido, então, numa realidade esvaziada de valores, o protagonista Bernardo habita o cárcere-mundo e se configura como “um indivíduo encurralado pelo ódio e pelo medo [...] a debater-se com as forças indômitas que despertou ou pôs em movimento – do ser humano em face da Natureza, dos semelhantes e, sobretudo, de si próprio, seu inimigo maior” (MOISÉS, In OSMAN, 2007, p.376). Desse modo, é possível confirmar uma relação de conflito entre a interioridade de Bernardo e o espaço degradado que o rodeia e o impele ao desejo de ação e liberdade na busca da totalidade que o abarque.

Observa-se, portanto, que o protagonista emerge como sobrevivente de um mundo reificante, por isso mesmo fragmenta-se e se mostra inapto a modificá-lo; logo, o espaço que o comporta é por ele internalizado, modelado e percebido, apresentando-se na narrativa “[...] com inquirições psicológicas, com complexos, com atitudes inesperadas e paralelamente a tudo isso, passa-se a uma maior preocupação com os espaços dessa personagem”(BORGES FILHO, 2004, p.87). Neste sentido, o eu que brota da narrativa lança sobre o ambiente um desencantamento de mundo, como podemos ver nos seguintes fragmentos:

A sombra do alpendre avançava sobre a estrada deserta, vinham de longe os mesmos rumores de sempre: um carro de boi, o badalar de um chocalho, uma cigarra, um grito no canavial, sons de um mundo ingrato (OSMAN, 2007, p.295)

[...] via o céu, bois no pasto, cavalos na campina, mas não sentia a vida em coisa alguma, como se a vida não estivesse nos troncos, na terra, na carne dos bichos, mas no homem com força para sujeitá-los (Ibidem, p.301)

Alguma coisa faltava em animais e plantas, não a seiva ou o sangue, mas vital como a seiva e o sangue. Estranho, estranho. Uma paisagem farta e aflitiva, o verde capinzal desolando-o como um campo em cinzas (Ibidem, p. 301)

Nota-se nas citações acima que a percepção sinestésica do ambiente transforma-se na consciente verificação de que “o mundo é ingrato” e de que os elementos deste lugar não comportam valores, uma vez que estes residem nos homens que o habitam, por isso toda essa paisagem demuda-se num “campo em cinzas”. A cinza nos remete aos restos da queima, à extinção e ao mesmo tempo à futilidade da vida humana (CHEVALIER e GHEERBRANDT, 2012), demarcando as ações do sujeito e a consciência de seus resultados dentro das relações evidenciadas no espaço. Essa combustão de interesses perpassa toda a narrativa e ganha corpo no desfecho, quando, desafiado por Nestor e os capangas dentro de uma cena de sítio e tiroteio, Bernardo não se dobra, embora esteja em face da morte. Até que um estranho, de nome Ubaldo, favorece a fuga, registrando que “um macho desse carece viver (OSMAN, 2007, p.367).

Como o ato de existir precede a essência (SARTRE, 1998), é possível ver que o bem e o mal, dentro da relação conflituosa que pontilha a narrativa, funcionam como instrumentos de apreensão de si pelo sujeito que os vivencia, ou seja, o negativo é necessário para provar a essência do espírito humano e afirmar suas ações sobre o mundo, uma vez que, segundo Hegel, “o homem não depende senão de si mesmo, de sua razão e das formas de sociabilidade que ele se dá: o homem é um produto livre e consciente de si mesmo” (HEGEL In ROSENFELD, 1988 p.121).

3-O acontecimento ético da resistência – experiência versus essência

Massaud Moisés enfatiza que *O fiel e a pedra* “é um romance de tensão dramática e metafísica”(MOISÉS in: OSMAN, 2007, p.376), uma vez que envolve uma problemática de caráter social e outra sobre o estado de ser de um indivíduo posto entre as necessidades humanas e a própria consciência. Ele ressalta, ainda, que embora a paisagem do romance apresente-se de modo aflitivo para o herói, o que se sobressai é a figura humana colocada entre a fatalidade e aspereza do meio e a repressão empreendida por semelhantes. Deste modo, podemos ver que Bernardo vai se construindo num duplo olhar que se desloca da paisagem para si mesmo, chegando a atribuir ao local das suas vivências o mesmo enrijecimento que lhe ocorrera. Enquanto o ambiente é visto como áspero e causticante com a “aparência pétrea. Paisagem negra, sólida, uma severa paisagem mineral” (OSMAN, 2007,p. 287), “mundo ingrato” (p.295) “paisagem farta e aflitiva”, um “campo em cinzas” (p.301), “mundo negro e sujo!” (p.364), ele se traduz como embrutecido e resistente, um “homem de energias mal domadas. Parede rachada, muro vacilante’ (p.297), cheio de “dureza”(p.306), com uma sede de “pedra ardente” (p.364) ou simplesmente um ser de desejos tão aviltados que parecia um morto : “Que fogo ressequira-o? Vinham de onde aquele endurecer, a estranha opressão, [...] ? [...] Tinha um cadáver no corpo, um morto, um morto negro e sujo (OSMAN, 2007, p.364).

Com a percepção de que o seu universo não mais possui a integralidade ontológica entre o eu e o mundo, Bernardo resiste consciente e firme à realidade que sobre ele se fecha como um círculo, firmando-lhe a personalidade. A partir disso, surge a consciência de degradação do cosmos social e cerceamento dos desejos que o alimentam, porque “ser homem significa ser solitário” (LUKÁCS, 2000, p. 34).

Em busca de sentido para esse mundo fragmentado e sem deus, o herói encontra-se solitário e inadequado, portanto há uma divergência de extensão entre a alma e o mundo, porque este ou a comprime ou promove a sua dilatação. Assim, quando mergulhamos no romance *O fiel e a pedra*, vemos Bernardo tentando dominar tanto as intempéries do espaço físico, onde intenta viver dignamente com a família, quanto o espaço psicológico, no qual

empreende uma busca incessante pela essência que determina as suas ações. Logo, insere-se no espaço o seu conflito, bem como é a partir dele que se gera a força do seu caráter, da sua vontade. Destarte o lugar “pétréo” que esmaga o fiel é o mesmo que lhe convoca a dureza numa *via crucis*, tornando-o resistente às pressões do sistema. O sujeito humano, portanto, aflora deste embate com o meio e se constitui no produto do espaço vivido, capaz de afiliar-lhe sensações, costumes e disposições psicológicas, tornando-se objeto e sujeito no percurso de sua história.

Dentro do rumo trágico de Bernardo, os espaços da cidade de Vitória e do Engenho do Surrão assumem feições subjetivas, emergindo como lugares esvaziados de otimismo, uma vez que abarcam um conflito que excede o plano físico para se firmar no universo psicológico desse sujeito, cuja existência acaba consubstanciando *ser* e espaço. Curiosamente, a personagem sai de “Vitória”, lugar da primeira decepção e a ela retorna, marcando a superação de uma trágica experiência no engenho, mas não em sua totalidade, o que sugere o infinito círculo de batalhas subsistentes na existência humana, deixando o indivíduo sempre melhor, porém nunca perfeito ou acabado.

O Surrão, cujo nome remete a bernal, elemento de provisões de um peregrino e, ao mesmo tempo saco que limita as ações de um animal, fornecendo-lhe a ração necessária enquanto executa penosos trabalhos (AULETE, 2004), leva-nos a ver na relação entre Bernardo e ambiente a percepção crítica necessária à sua resistência e existência.

Sentindo a imposição do jugo das relações no espaço, ele considerou que não seria “nivelado àqueles cabras” que habitavam o engenho, pois “discernia o bem do mal” (OSMAN, 2007, p.136) e sabia que era somente através de uma “ indomável força, [...] rija e extrema decisão haviam certos homens de conquistar seu pão e sossego!” (p.270). Era um “Homem de horizontes largos” (p.175). A sua essência, por conseguinte, é produto de uma escolha ou uma posição diante daquela realidade de mundo.

Para Lukács (2000), é justamente essa aventura em busca da justa medida da interioridade o cerne do romance moderno. O embate da interioridade com o universo que o rodeia constitui-se, hoje, na grande aventura

do herói, uma vez que é sua “alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência (Ibidem, p. 91). Neste sentido, é que encontramos dentro deste universo de humilhação, o protagonista Bernardo a se questionar enquanto sujeito daquelas paisagens: “Qual, por exemplo, a sua dimensão verdadeira? Não estava com medo? Não lutava contra aqueles impulsos de humilhar-se ou agredir, que se sucediam fortes como vômitos e eram formas – sabia- do mesmo terror? (OSMAN, 2007, p.348).

Bernardo era um homem simples que se encontrava emparedado numa rotina de exploração e desafio, já que o patrão Nestor, arrastado pelo ódio que o consumia, tentava constantemente desafiá-lo e dominá-lo por completo, coisificando-o: “Vai morrer sem peso, um pobre desgraçado. Quem pode sustentar o orgulho sem ambição? Para uma grande soberba, ambição maior. Essa é a regra pensada que você não aprende. Mas a vida tem castigo. Dói, quebra, mói, amassa o mais duro” (Ibidem, p.351).

A essência do protagonista manifesta-se em forma de resistência logo na infância, quando, enfrentando o seu esgotamento físico consegue transpor o espaço da ilha até a margem do Tapacurá; depois essa cena de caráter mítico ressurgiu como confirmação de sua natureza, quando Nestor e capangas tentam submetê-lo ao seu mando, porque o personagem, novamente, terá que superar o medo, a fim de enfrentar a situação. Assim, ele se julga:

Aquele, porém, fora o seu primeiro gesto realmente viril, o primeiro passo à frente, do homem que amadurecia em silêncio dentro dele e que afinal se afirmara, um tanto prematuramente: com frieza, sem nenhum alvoroço, mediu as forças que restavam no seu corpo, decidido a voltar se compreendesse que elas se acabavam. Se meu corpo pode, eu posso — refletira. E se meu corpo não puder, ainda assim talvez eu possa. A vontade do homem, a vontade do homem... — repetia para si mesmo enquanto nadava, agora lentamente. Tomar o medo nos dentes, como um cavalo que morde no freio (OSMAN,2007,p.83).

Nota-se no fragmento transcrito que as forças físicas e psicológicas de Bernardo estavam exauridas, porém com o domínio da vontade, ele consegue chegar à margem. Essa cena se repete no final do romance (p.369), quando, já baleado, ele luta para se manter vivo. Como herói autêntico e constante, suas

ações não se constituem em padrão para os moradores do Surrão, todavia a força de caráter e de vontade o faz superar as adversidades e ganhar o respeito de Ubaldo, que o ajuda na fuga do engenho. Aquele cerco que sobre ele se fechava, dera-lhe a certeza do total esvaziamento do mundo: “explodira com o seu ódio, devastava tudo, [...], bramava sobre o mundo,[...] aquele reino de maldade e covardia, onde tentava viver, ignorando que só os perversos tinham amigos e que os outros viviam sós, a isso condenados” (p.365-366).

O espaço, portanto, longe de representar a proteção e estabilidade do protagonista Bernardo, promove clausura e temor. Todavia, é justamente por esta resistência ao universo de valores alterados, que o personagem constrói a sua interioridade, empenhando-se na constituição de si mesmo enquanto sujeito inconformado com o mundo e com o destino. Conseqüentemente, a busca do autoconhecimento do herói problemático relaciona-se ao espaço na medida em que não encontra nas estruturas sociais o fundamento necessário à alma, iniciando um embate com tudo o que o cerca, conforme uma necessidade superior que determina o dever- ser de sua existência.

Considerações finais

Ao nos propormos ao estudo do espaço como elemento que impulsiona as ações dos personagens, havendo uma influência recíproca entre eles, não pretendemos exaurir as possibilidades da obra, posto que ainda há poucos estudos sobre ela e esta é uma das muitas leituras que o texto permite.

A obra aqui analisada evidencia o homem na busca de suas estruturas internas, construídas a partir do embate social com o meio e consigo mesmo. Desta forma, as experiências vividas na cidade e no campo conduzem o personagem Bernardo a descobrir as potencialidades interiores que o levam a uma ação cega contra seus opressores. E, nessa busca pela própria essência interior, o sujeito em *devoir* é dominado pela angústia, pela solidão e pela dúvida, o que o faz observar com mais profundidade o lugar onde vive, os sujeitos com quem vive e o sentido místico de sua existência.

Referências:

ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades. Ed. 34, 2003.

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Editor responsável Paulo Geiger; apresentação Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

LINS, Osman. **O fiel e a pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico)

MASSAUD, Moisés. **Posfácio**: O fiel e a pedra, hoje. In: LINS, Osman. **O fiel e a pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ROSENFELD, Denis. L. **Do mal**: para introduzir em filosofia o conceito de mal. Porto Alegre: L&PM Editores, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. 4ed. Lisboa: Presença, 1978.

_____. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenologia. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Recebido em 20/02/2016
Aprovado em 19/04/2016